

## **Gênero digital e os livros didáticos de língua portuguesa: contexto de gerações**

**Gianna Faria de Miranda**

Pedagoga formada pela UEMG, Pós-Graduada em Pedagogia Empresarial/ESAB, Pós-Graduada em Gestão Escolar – Administração, Supervisão e Inspeção/COTEMAR.

Supervisora Educacional.

gianna\_faria@hotmail.com

### **Resumo**

Este trabalho de conclusão de curso analisa características e peculiaridades dos gêneros digitais e seu contexto de gerações, com o objetivo de avaliar em que medida as atividades propostas nos livros didáticos podem conduzir os alunos ao desenvolvimento de habilidades comunicativas por meio dos gêneros da mídia digital. Através de uma pesquisa quali-quantitativa são analisadas as coleções “A escola é nossa” e “Aprendendo sempre” dos livros de 3º ao 5º ano, em sua total abrangência de atividades. Para análise das propostas, os seguintes critérios foram considerados: tratamento das peculiaridades do gênero (linguagem e forma composicional) e o incentivo para que o aluno interaja por meio do gênero trabalhado. A análise do *corpus* revela que atividades que envolvem o gênero digital ainda são de longe trabalhadas nas coleções, as propostas não se constituem em exemplos autênticos dos gêneros e não são apropriadas para abordagem dos gêneros digitais, uma vez que são raras as referências à natureza dos mesmos, seja no que tange a sua linguagem ou com relação a sua construção composicional. Além de tudo, as propostas de atividades não buscam conduzir o aluno à prática comunicativa no meio digital; as poucas atividades encontradas que citam o gênero não abordam aspectos peculiares dos gêneros digitais, nenhuma usa de fato o gênero no meio digital, mas sim como aspecto ilustrativo para trabalhar outros conhecimentos. Isso implica na necessidade de que sejam elaborados e propostos modelos didáticos dos gêneros digitais.

**Palavras-chave:** gêneros digitais; livro didático; ensino de língua portuguesa.

### **Introdução**

A diversidade de gêneros textuais em livros didáticos, principalmente aos destinados ao ensino de língua portuguesa, já não é uma novidade. Análises feitas anteriormente sobre o tratamento dos gêneros textuais em livros didáticos constata que, por modismo ou não, um grande número de livros didáticos centra suas propostas de atividade em gêneros, tais como a carta, o anúncio, entre outros. Com a popularização da Comunicação Mediada por Computador (doravante CMC) começam a figurar nos livros de língua portuguesa os gêneros que Marcuschi (2005) denomina **de digitais**.

Notamos a importância da presença de atividades envolvendo gêneros do meio digital nos livros didáticos de língua portuguesa, pois são gêneros do cotidiano atual dos alunos, assim como as cartas foram há algum tempo. Decidimos por analisar o e-mail, blog pessoal e bate papo virtual, por considerarmos que são gêneros mais usados por toda a população, depois das redes sociais.

Ao constatar esse fato, fizemos alguns questionamentos, tais como: qual a importância de abordar em livros didáticos os gêneros do meio digital? Que tipo de atividade é proposta, por exemplo, com um *e-mail*? Os livros didáticos de língua portuguesa estão realmente cumprindo o objetivo de ensinar as características próprias desses gêneros em seu canal original? Esses e outros questionamentos deram origem ao trabalho que ora desenvolvemos.

A inserção desses gêneros digitais em livros didáticos destinados ao ensino merece uma atenção especial devido, principalmente, ao seguinte fator: os chamados gêneros digitais diferem substancialmente daqueles comumente encontrados nesses materiais, seja pelas suas particularidades de sua linguagem, especialmente no que se refere à escrita, seja pela sua natureza digital de seu canal original.

Marcuschi (2005), ao realizar uma descrição de caráter etnográfico dos gêneros do meio digital, define como principais características da escrita desses novos gêneros o estilo abreviado e o uso frequente de abreviações. Podemos perceber que a relação entre escrita na esfera digital e escrita escolar aponta como característica marcante daquela, a transgressão das tradicionais normas ortográficas, sendo usadas maneiras diferenciadas de escrita.

Os estudos no que concernem os gêneros digitais são ainda pouco elaborados principalmente no ensino-aprendizagem e na abordagem do mesmo nos livros didáticos, porém tem sido pesquisado cada dia mais sobre esse “novo” assunto, pois ele se faz cada vez presente na vida e no cotidiano de alunos e professores. Com esta pesquisa que ora desenvolvemos, pretendemos preencher um pouco essa lacuna, de modo a contribuir para futuras pesquisas relacionadas ao ensino em geral, e de língua portuguesa em particular.

### **Desenvolvimento**

A leitura ainda é um grande desafio na educação do Brasil. Esse desafio se faz mais complexo na pós-modernidade, quando temos contato a todo instante com gêneros textuais cada vez mais compostos por variados sistemas semióticos. Uma grande presença de

imagens passou a fazer parte da maioria dos gêneros textuais que circulam em diversas áreas, devido principalmente ao avanço tecnológico com seus múltiplos recursos. Assim, a forma de comunicar-se também mudou, com seus modos relativamente estáveis, como a inserção de uma escrita oral, que a escola ainda enfrenta barreiras para inserir no processo de ensino e aprendizagem.

Com as inovações tecnológicas o conceito de texto, conforme Costa Val (1991), “uma ocorrência linguística, escrita ou falada de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”, traz mudanças significativas, o chamado hipertexto que, conforme Xavier (2004), pode ser entendido como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona, à sua superfície, formas outras de textualidade”. Os *links* presentes nesses hipertextos fazem com que haja uma interconexão com outras fontes de informação e transportam o leitor para outros “lugares” e variados tipos de texto, por conseguinte possibilita a interação e estabelece uma ampla intertextualidade virtual.

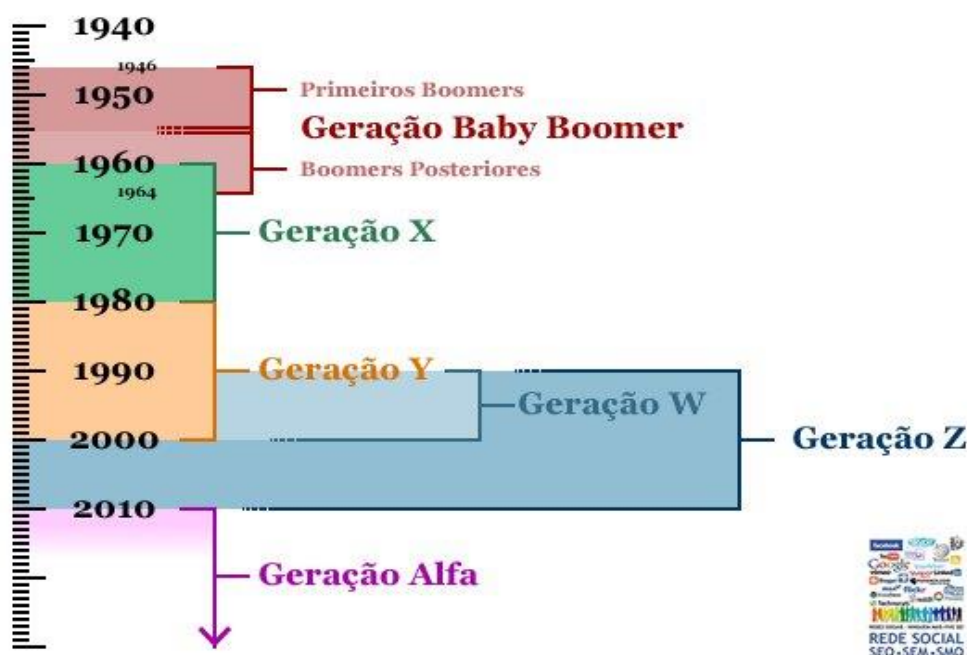
Por sua presença e recorrência cada vez mais intensas no contexto social, o hipertexto e os gêneros digitais têm sido temáticas frequentes nos estudos contemporâneos da linguagem nos últimos anos. Entretanto, apesar das perplexidades que muitas práticas de escrita e leitura em ambientes digitais pareçam trazer para usuários em particular e para a sociedade em geral, o livro didático (LD) de língua portuguesa parece tímido em incorporar a discussão como conteúdo de ensino.

O perfil do professor diante das chamadas novas tecnologias de comunicação (que na verdade já não são tão novas) tem sido tema de diversas pesquisas. As pesquisas mostram que muitos professores, por desconhecerem ou desconfiarem do funcionamento e das vantagens das novas tecnologias de comunicação, têm se recusado a usá-las em suas atividades cotidianas, e o que é pior, têm se deixado levar por ideias e concepções sem o menor fundamento científico. Muitos docentes produzem um discurso “tecnóforo”, tem fobia à tecnologia, sem uma reflexão. Isso se dá porque não dominam e nem querem aprender sobre essas novas tecnologias, conseqüentemente ignoram que seja um instrumento de potencialidade no ensino aprendizagem, além de estarem falando a mesma “língua” dos alunos. Sobre esta questão, Araújo (2007) argumenta que a internet deve ser vista como um elemento ampliador das possibilidades de uso da língua e não como uma ameaça à própria língua ou aos professores.

Ainda que os docentes tentem ignorar, a escrita sofreu muitas mudanças com as novas tecnologias, colocando em foco o texto multimodal, isto é, a coexistência de várias semioses no mesmo texto, nas práticas sociais contemporâneas, com a inserção de os chamados emotions -pequenos ícones que representam diferentes emoções. Compreendemos que cabe ao professor, seja da educação infantil, fundamental I, bem como os de língua portuguesa, que é a língua materna, isto é, que não é ensinada, mas adquirida, o papel de explorar as possibilidades pedagógicas da internet, e não simplesmente opor-se a esta sem realizar uma reflexão pertinente.

Os gêneros textuais/discursivos como objetos de ensino-aprendizagem ocupam o centro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no que se refere ao ensino de língua materna, aspecto que por si só, obriga o professor a voltar sua atenção para a necessidade de estudar as diferentes vertentes teóricas e a empenhar-se em sua aplicação prática.

Para uma melhor compreensão dos gêneros digitais e das especificidades da linguagem que se desenvolvem nesses gêneros, achamos oportuno tecer algumas considerações sobre o contexto histórico das gerações que surgiram após a Segunda Guerra Mundial. Achamos pertinente começar esclarecendo o perfil de cada uma delas e onde se situam nesse contexto, para entendermos as necessidades de cada geração. Observamos a figura abaixo:



**FIGURA 1:** Ordem cronológica das gerações

Fonte: [https://www.facebook.com/note.php?note\\_id=172902682758774](https://www.facebook.com/note.php?note_id=172902682758774)

Conforme observado, daremos esclarecimentos breves sobre cada uma das gerações citadas, para que possamos entender melhor o quadro acima.

Os Baby Boomers possuem renda mais consolidada; apresentam um padrão de vida mais estável; sofrem pouca influência da marca no momento da compra; apresenta maior preferência por produtos de alta qualidade; preferem qualidade à quantidade. Experiências passadas servem de exemplo para consumo futuro, não se influenciam facilmente por outras pessoas e não veem o preço como obstáculo para perseguir um desejo e é firme nas decisões.

A chamada geração X, que são os filhos dos Baby Boomers, tem como principais características, a busca da individualidade sem a perda da convivência em grupo; a maturidade e escolha de produtos de qualidade; ruptura com as gerações anteriores; maior valor a indivíduos do sexo oposto; busca por seus direitos, respeito à família menor que o de outras gerações e procura de liberdade.

A geração Y, que vem logo após a X, traz características como: estão sempre conectados; procuram informação fácil e imediata; preferem computadores a livros; preferem e-mails a cartas; digitam em vez de escrever; vivem em redes de relacionamento; compartilham tudo o que é seu: dados, fotos, hábitos. Estão sempre em busca de novas tecnologias; são multitarefa (fazem diversas coisas ao mesmo tempo) e não são fieis a marcas. E como vemos no quadro acima, a geração W está dentro da geração Y, possui as mesmas características e não é a próxima geração cronologicamente falando.

A Geração Z são os que possuem de forma natural a internet, pois ao começarem a escrever ela já existia. Para além da rede através dos computadores, a conexão com as outras pessoas se dá também de forma móvel, com os *smartphones*. Essa geração é extremamente “antena”, conectada e preocupada com o meio ambiente, sustentabilidade e responsabilidade social. Muito parecida com as gerações Y e W.

E, por fim, a geração Alfa, que também poderá ser chamada de M (de *móvil*). Esta geração ainda não está totalmente definida, até porque como vimos no quadro acima, ainda estamos vivenciando-a. A geração Z e Alfa podem se fundir numa nova nomenclatura, ainda sem uma característica precisa, o que se sabe é que nunca uma geração teve tanto acesso à informação e educação como esta.

Achamos importante destacar esse aspecto histórico social, quanto às gerações, pois estamos tratando de mudanças ocorrentes nos níveis, educacional, cultural e social, em que tudo muda com o tempo e ele define toda a mudança. Assim, com as novas tecnologias formamos novos sujeitos, com características próprias das vivências que presenciam. A

geração Z, por exemplo, já nasce dentro das novas tecnologias, sendo provável que seus educadores ainda sejam da geração anterior ou até antes desta, e isso reflete no processo de ensino e aprendizagem, pois se cada uma não se adequar com o surgimento de algo novo, ficará impraticável uma educação evolutiva.

Talvez seja agora o momento de refazermos a questão crucial para nós, educadores: que “modos de ser” se desenvolvem com as novas práticas de expressão e comunicação via internet? Onde se constituem e se movimentam os novos sujeitos sociais? Quem é esse jovem de “última geração” que, como os sites, está permanentemente “em construção”? Quantos avatares – identidades assumidas na internet na forma de corpos virtuais – coexistem nos corpos e representações de nossos alunos? (ALVES E CARRANO, 2012, p. 75-76).

Em 2010 a empresa BOX1824, que pesquisa tendências de comportamento, postou na internet o vídeo *We all want to be Young* (todos nós queremos ser jovens), como resultado de cinco anos de pesquisas sobre gerações. O vídeo pode ser acessado em [youtu.be/SJ\\_0EhqIPko](https://youtu.be/SJ_0EhqIPko) e é um vídeo-relato, o qual caracteriza as gerações e afirma que a geração atual seria a primeira juventude global. “Suas identidades teriam sido forjadas na internet, independente do local onde vivem. Seus conteúdos pessoais ganhariam dimensões estratosféricas, onde tudo pode ser remixado”.

Velho (1996) ressalta que uma experiência de geração em geração vem a ser uma experiência social, vivida em um mesmo momento histórico, cujas marcas afetam as percepções de mundo e de sociedade desses indivíduos. Os jovens de hoje sofrem com uma ansiedade crônica, querem sempre mais informações e precisam delas o tempo todo. Estão imersos na esfera midiática, que ampliou os espaços de aquisição do saber. Docentes e livros disputam a atenção dessa geração que estão inundados de múltiplos espaços de ensino e aprendizagem.

Podemos afirmar que os jovens de hoje desenvolveram um modo linear de pensamento, assim como a internet; principal fator de influência para que isto pudesse acontecer, já que você pode acompanhar vários assuntos ao mesmo tempo, bem como assistir televisão e navegar na internet simultaneamente. As informações estão no cérebro dos jovens da geração de hoje como janelas da web, cada momento eles buscam uma delas. É uma geração de pluralidade, que garante a possibilidade simultaneamente de se reconhecer, mesmo com suas diferenças pessoais.

Para que tenhamos uma ideia da importância desse mecanismo de comunicação, estatísticas afirmam que o acesso à internet no Brasil chegou a 83,4 milhões de pessoas no

segundo trimestre de 2012<sup>1</sup>. A internet funciona distribuída em mais de 40 mil redes em todo o mundo, sendo a WEB a mais conhecida delas. Por meio da internet é possível estabelecer contato em tempo real com pessoas e instituições dos mais distantes lugares do mundo. Essas inovações tecnológicas proporcionam o surgimento de uma variedade de novos gêneros, que por estarem numa esfera digital, são denominados gêneros digitais.

Talvez, a escola possa agora reconfigurar seu papel, passando a filtrar e organizar a informação e comunicação, garantindo a possibilidade de instauração de um tempo lento, não homogeneizado, para que os jovens, atores desse momento histórico, possam dialogar com a velocidade e pluralidade de referências que a web 2.0 proporciona e fazer escolhas cada vez mais conscientes (ALVES; CARRANO, 2012).

Podemos afirmar que estamos envoltos a um ciberespaço e temos uma cibercultura. Isso fez com que o tempo da juventude se tornasse mais complexo, à medida que se pode estar aqui e ali, praticamente eliminando as fronteiras impostas pelas distâncias territoriais. Não existe uma única identidade, e sim vários “eus”. A identidade se torna múltipla, pois podemos criar vários perfis. A cada instante a identidade flui no ciberespaço e, por conseguinte, é mutante, pois podemos mudar constantemente as características.

Lévy (1999) enfatiza que os mundos virtuais podem eventualmente ser enriquecidos e percorridos coletivamente. Tornando-se nesse caso, um lugar de encontro e um meio de comunicação entre seus participantes. Nessa interação de redes, o jovem exerce o direito de ser visto e ouvido, assim como o faz com o outro. Essa geração por estar em um ciberespaço, onde tudo é subjetivo, se sente mais segura para expressar o que pensa e o que acredita da maneira mais rápida e curta, e se torna sujeito pensante e incluído na sociedade cada vez mais cedo.

Precisamos enquanto educadores, educar nosso olhar para essa nova era globalizada e de novas tecnologias. A tarefa de educar ainda é um compromisso da escola e não perdeu seu sentido neste mundo plástico e de múltiplos saberes. Porém, é no movimento desse mundo digital que podemos encontrar o caminho mediador para a relação educativa na escola, podendo ter ensino aprendizagem, com alunos imersos nas redes.

## Transposição do gênero digital para o livro didático

---

<sup>1</sup> Informações retiradas de: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/08/aceso-internet-no-brasil-chega-834-milhoes-de-pessoas-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 15 set. 2012.

Considerando que as pessoas têm aprendido a produzir e-mails e blogs, e têm aprendido a interagir através desses e de outros gêneros, como os chats, independentemente de ensino formal, é provável que não seja exatamente este o papel da escola e do livro didático. Entretanto, certamente não é de se esperar que a escola e o livro didático, ferramenta central no processo de ensino-aprendizagem, ignorem gêneros e práticas comunicativas tão centrais na vida social e, particularmente, no cotidiano dos estudantes.

Após mais de uma década de vigência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), não é novidade a estreita relação entre livro didático de língua portuguesa e gêneros textuais. Hoje não se admite que o ensino de português não seja baseado numa diversidade de gêneros advindos tanto da oralidade como da escrita. Ocasionalmente situados em algum ponto do contínuo entre esses dois polos, por vezes configurando fenômenos híbridos entre as duas modalidades, os gêneros digitais demandam também dos autores de livros didáticos um olhar atento, no sentido para o qual já alertava Marcuschi (2004):

Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do “discurso eletrônico” ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação (MARCUSCHI, 2004, p. 17).

Uma das formas possíveis de se refletir sobre a transposição, com fins pedagógicos, de gêneros da Internet para o livro didático, é considerando a noção de suporte. Para Marcuschi (2003, p. 35), é possível tratar a internet como um suporte virtual que abriga uma variedade de gêneros textuais, “já que porta e veicula gêneros dos diversos formatos”. Nas palavras do autor, a internet “parece um grande continente” e “contém todos os gêneros possíveis”.

A transposição dos gêneros da internet para o livro didático pode ser vista, conseqüentemente, como a passagem de gêneros de um suporte (virtual) para outro suporte (impresso). Uma questão decorrente dessa transposição é se “os gêneros de texto que aparecem nos livros didáticos de Português, mantêm ou não a mesma função original” (MARCUSCHI, 2003, p. 35). Para o autor, “o livro didático é um suporte e os gêneros que ali figuram mantêm suas funções básicas e originais” (p. 36), embora no contexto do LD operem como exemplos ou objetos de ensino.

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no final da década de 1990, os autores e editores passaram a adequar os livros didáticos às novas propostas de ensino aprendizagem de língua

portuguesa, ou seja, uma abordagem sociodiscursiva, privilegiando o ensino dos gêneros textuais, desde as primeiras séries.

O PNLD é uma iniciativa do governo federal na busca de melhorar a qualidade de ensino no país, e foi criado para subsidiar o trabalho docente. É o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos alunos da rede pública de ensino, e iniciou-se em 1929, com o nome de Instituto Nacional do Livro (INL). Ao longo de quase 70 anos, o programa foi se aperfeiçoando e teve diferentes nomes e formas de execução.

Em 1996 iniciou-se o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD do ano seguinte. Em 1997 com a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a responsabilidade pela política de execução do PNLD é transferida integralmente para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Desde sua criação, o programa tem sido ampliado, com uma contínua e sistemática distribuição de livros/coleções para alunos da rede pública de ensino.

Gradativamente, cresceu a dependência em relação aos livros didáticos em função da extensa jornada de trabalho dos professores que, em decorrência dos baixos salários, atuam em mais de uma escola, muitas das vezes com propostas e exigências diferentes. Assim, os livros didáticos constituem-se um meio pelo qual os professores entram em contato, mesmo que de maneira simplificada, com as discussões teóricas atuais, além dos alunos terem contato direto com eles.

Com toda essa reflexão sobre as gerações e as exigências dos documentos que normatizam o ensino e os livros, faz-se necessário que as instituições de ensino brasileiras enfatizem o trabalho com os diversos tipos de gêneros textuais que circulam socialmente, fazendo com que o aluno conheça e perceba as diferenças entre eles. Com base nesse pressuposto, um ensino-aprendizagem pautado nos gêneros textuais deveria ser pré-requisito para se trabalhar mais tarde com os gêneros no contexto digital, procurando investigar se os livros didáticos de língua portuguesa contribuem para o letramento digital dos alunos.

Quando nos perguntamos pela presença de gêneros digitais nos livros didáticos, na realidade estamos buscando um sinal concreto de preocupação com a inclusão desses gêneros no ensino-aprendizagem da língua materna. Entretanto, os gêneros digitais, por acarretarem significativas transformações na configuração das práticas de leitura e escrita, por vezes provocam inquietação e até alarme entre os docentes, como já falamos aqui, de modo que não se pode estranhar uma eventual timidez dos livros didáticos em incorporá-los como objeto de ensino.

Embora não haja dúvida de que os gêneros digitais já fazem parte da vida de diversas de pessoas, a incorporação desses, no livro didático, acompanhada de um tratamento pedagógico adequado, ainda representa um desafio. Aspectos como as peculiaridades (orto)gráficas de alguns gêneros digitais também podem ser responsáveis por sua rejeição ou pela relutância em aceitá-los no domínio pedagógico e, conseqüentemente, por seu uso infrequente nos livros didáticos. Para que o professor de língua portuguesa possa exercer seu papel de explorar as possibilidades pedagógicas dos gêneros digitais e não simplesmente rejeitá-los irrefletidamente, é necessário que os manuais de ensino os incorporem consistentemente em suas páginas e dê suporte aos docentes atuantes que têm uma opinião de tecnófobos, pois precisam dominar o assunto para poder ao menos discuti-lo, considerando a centralidade do livro didático como recurso de apoio ao ensino-aprendizagem nas mãos de professores e alunos.

Bakhtin (1987) defende que o gênero deve ser considerado dentro do contexto de interação verbal e não isoladamente. Ao afirmar que a língua chega ao nosso conhecimento a partir das enunciações concretas que ouvimos, lemos e produzimos na comunicação diária e que um bom método de ensino deve pautar-se prioritariamente por esses enunciados, o autor russo, a nosso ver, compromete-se abertamente com um método de ensino baseado na ação.

Achamos necessário que as propostas de atividades envolvendo os gêneros digitais nos livros didáticos conduzam os alunos à comunicação no meio digital, além de expor o aluno às peculiaridades linguísticas e composicionais de cada gênero. O quadro a seguir nos ajudará a expor as categorias que orientarão nossa análise:

Quadro 2 - Características e peculiaridades dos gêneros digitais

GÊNERO	ASPECTOS DA LINGUAGEM	ASPECTOS COMPOSICIONAIS	PRÁTICA DE COMUNICAÇÃO
<b>E-MAIL</b>	Predominância da informalidade; inobservância de regras ortográficas.	1-Endereço do remetente; 2-Data e hora; 3-Endereço do receptor; 4-Assunto; 5-O corpo da mensagem (abertura, saudação, corpo da mensagem propriamente dito, fechamento com ou sem despedida); 6-Espaço para anexação de arquivos.	Envio e recepção de mensagens, podendo estar composta com anexos ou não; na maioria das vezes não acontece em tempo real
<b>BATE-PAPO VIRTUAL (MSN)</b>	Estilo informal e não monitorado, uso de elementos paralinguísticos, repetições e supressões de letras.	1- O anúncio de entrada do usuário no ambiente do bate-papo virtual. 2- Saudação por parte do usuário (no caso "amigo"). 3- Interação dirigida a um usuário, ou a vários. 4- Despedida dos interlocutores. 5- Encerramento da interação	Interação no bate-papo entre "amigos", acometidas na maioria das vezes em tempo real.
<b>BLOG PESSOAL</b>	Predominância da linguagem formal; observância de regras ortográficas; uso eventualmente de elementos paralinguísticos.	1- Temática do blog; 2- Os chamados <i>posts</i> , são organizados em ordem cronológica inversa; 3- Outros usuários podem segui-lo; 4- Inobservância de início, meio e fim, é cronológico; 5- Interação de outros usuários através de comentários sobre o <i>post</i> referido; 6- Combinação de texto, imagem e <i>links</i> .	Leitura e produção escrita sobre o tema proposto do blog, havendo interação entre usuários atemporalmente.

A partir do quadro acima, não há, portanto, como ignorar o fato de que os gêneros digitais, em maior ou menor grau, caracterizam-se por elementos que não podem ser transpostos para o livro didático, em folha de papel, sem que haja um prejuízo significativo de sua constituição original, em especial no que diz respeito à riqueza semiótica (sons, imagens, movimento, escrita, etc.) possibilitada pelo suporte digital. Araújo (2005).

É necessário, portanto, que o livro didático apresente propostas de atividades que proporcionem ao aluno o conhecimento das particularidades desses novos fenômenos, seja no tocante à linguagem, seja com relação aos seus usos. Desse modo, o livro ajudará o aluno a desenvolver a habilidade de comunicar-se com pessoas dos mais distantes lugares e através do computador, realizando concretamente um dos objetivos do ensino, que é conduzir o aluno à percepção e à compreensão de outras culturas, bem como, ler e escrever mais e melhor.

### Conclusão

Perante um trabalho como este, que está em constante mutação e desenvolvimento, não pretendemos dar um caráter conclusivo e definitivo, buscamos lançar luz sobre as questões cruciais desta pesquisa, sobre os objetivos que nos propomos a realizar com esta investigação, bem como sobre o papel do livro didático no ensino-aprendizagem. Apresentamos também as implicações pedagógicas das constatações da pesquisa e buscamos tornar visível a necessidade de que novas pesquisas sejam realizadas no que tange a problemática aqui discutida, de caráter muito importante na formação de um sujeito crítico e participativo, para que se possa alcançar a pedagogia emancipatória de Paulo Freire.

Para melhor compreensão dos gêneros digitais e das especificidades da linguagem que se desenvolvem nesses gêneros, tecemos algumas considerações sobre o contexto histórico das gerações que antecedem a atual. Esclarecemos o perfil de cada uma delas e onde se situam no contexto para entendermos as necessidades de cada geração, ela nos guiou para que pudéssemos compreender como se deu esse processo digital e como os gêneros emergiram até que chegassem ao dia-a-dia de todos. Acreditamos que por ser o gênero digital um novo objeto de trabalho, também será permanente no meio mutacional, desse mundo que gira cada vez mais rápido. Diz Marcuschi (2005),

Há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, merecedores de nossa atenção. Inclusive e talvez de maneira fundamental, os que aparecem nas diversas mídias hoje existentes, sem excluir a mídia digital, tão bem conhecida dos internautas ou navegadores da internet (MARCUSCHI, 2005).

Ao final desta pesquisa, esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão da problemática da inserção dos gêneros digitais nos livros didáticos. Esperamos também que as constatações aqui feitas, suscitem novas investigações relacionadas às questões aqui expostas, em especial ressaltamos a necessidade de que outras pesquisas se voltem para a elaboração de modelos didáticos de gêneros digitais, a fim de que, possa-se tirar o devido proveito pedagógico desses importantes instrumentos de comunicação.

Enfim, nosso trabalho está previamente pronto, o que falta é que todos os possíveis leitores possam lê-lo com cuidado, para assim apreciá-lo buscando cada vez mais aprimorar-se, pois cada um lê de uma maneira, assim são os gêneros, capazes de influenciar nosso ouvinte/leitor.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Nilza; CARRANO, Paulo. *Revista Presença Pedagógica*, v.18, n.103, jan/fev. 2012, p. 74-79.

ARAÚJO, J. C. A conversa na web: o estudo da transmutação de um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção ao sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 91- 109.

ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BEZERRA, Benedito Gomes. Leitura e escrita no Orkut: o que os professores veem e o que não veem. In: Encontro Nacional sobre Hipertexto, 3. *Anais...* Belo Horizonte, 2009.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. Ed. São Paulo: Hucitec/ Petrópolis: Vozes, 1987.

BRANDÃO, H. H. N. *Analisando o discurso*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2005. (Texto digitalizado no Portal do Museu da Língua Portuguesa).

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1997.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1998.

BRASIL. *Guia de livros didáticos PNLD/2010: letramento e alfabetização/ Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Básica, 2009.

COSTA VAL, M. da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura).

G1. *Acesso à internet no Brasil chega a 83,4 milhões de pessoas, diz pesquisa*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/08/acesso-internet-no-brasil-chega-834-milhoes-de-pessoas-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita. In: COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO SOBRE LINGUAGEM E EDUCAÇÃO, 2. *Anais...* Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-66.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Educação e Sociedade da Informação (orelha de livro). In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3ª Ed. – Belo Horizonte: Ceale, 2005.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias. In: ALAMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura Texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.